

TEOLOGIA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

Introdução:

Os alunos do Curso de Introdução à Pedagogia da Alternância, do Centro de Formação do MEPES EM 1995, preparando-se para serem monitores de Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) em várias regiões do Brasil, acolheram a idéia de tentar elaborar uma "Teologia da Escola Família Agrícola". Foram vários dias de reflexão, pesquisa, trabalho de grupo. A idéia surgiu depois de termos estudado os vários tipos de Teologia na história da Igreja, até chegarmos à Teologia da Libertação. Dentro da realidade latino-americana, e especialmente brasileira, a Teologia que une a fé e a ação mostra-se, pelo menos no momento, a mais adequada. Ela não é nova: enquadra-se perfeitamente dentro da espiritualidade inaciana, que é a espiritualidade do fundador do MEPES, o Jesuíta Pe. Humberto Pietrogrande. De fato, Sto. Inácio já dizia que é preciso rezar como se tudo dependesse de Deus, trabalhar como se tudo dependesse das gente. Ou, se quiser, mais antigo ainda, o lema da Ordem de São Bento, que diz: "Ora et labora" – "Reze e trabalhe".

O ponto de partida é a realidade do campo no Brasil nos seus aspectos sociais, econômicos e religiosos. Pesquisamos a situação do homem do campo, do jovem, da família, da comunidade. Procuramos ver como está a educação familiar e escolar, dando certa importância à influência dos MCMs.

Iluminamos esta realidade com a luz da Palavra de Deus, pois o nosso homem do campo vive intensamente esta relação com Deus, através do seu contato com a natureza, mas também pelo fato de ser um povo oprimido e sofrido. Ele sabe que a sua vida está nas mãos de Deus.

A teologia é o estudo, o conhecimento das coisas de Deus. Ora, a própria criação, o próprio homem, a situação que vivemos, são coisas de Deus. Pois Ele tem um projeto, revelado na Sagrada Escritura: o Reino de Deus: Reino da verdade, da justiça, da paz e do amor.

É por isso que tentamos elaborar uma "Teologia da Escola Família Agrícola". Sendo a EFA uma realidade criada por homens – com sua própria filosofia, pedagogia e metodologia – cabe-nos perguntar até que ponto a Escola Família Agrícola enquadra-se neste projeto de Deus.

I – A DIGNIDADE HUMANA.

*Javé, Senhor nosso, como é poderoso o teu nome em toda a terra!
Exaltaste a tua majestade acima do céu.
Da boca de crianças e bebês
Tiraste um louvor contra os teus adversários,
Para reprimir o inimigo e o vingador.
Quando contemplo o céu, obra de teus dedos,
A lua e as estrelas que fixaste...
O que é o homem para dele te lembrares?
O ser humano, para que o visites?
Tu o fizeste pouco menos do que um deus,
e o coroaste de glória e esplendor.
Tu o fizeste reinar sobre as obras de tuas mãos,
e sob os pés dele tudo colocaste:
ovelhas e bois, todos eles,
e as feras do campo também;
As aves do céu e os peixes do oceano,
Que percorrem as sendas dos mares.
Javé, Senhor nosso,
Como é poderoso o teu nome em toda a terra ! (Salmo 8)*

A vocação do homem e da mulher é uma vocação grandiosa. “Todos aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vocês não receberam um espírito de escravos para recais no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: “Abba! Pai!” O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Rom. 8,14,16) contrapondo-se ao egoísmo, a ação do Espírito cria um novo tipo de relacionamento dos homens entre si e com Deus: a relação de família. Agora podemos chamar Deus de Pai, pois somos seus filhos. E isso é a base para as relações sociais recompostas: o clima de família se alastra, porque todos são irmãos.

Mesmo que, a partir da década de 60 do nosso século, a família tenha começado a mudar profundamente, e estejam surgindo alternativas para a imagem da família clássica, entendemos muito bem o que São Paulo nos diz sobre a relação familiar.

No meio rural as famílias geralmente ainda seguem o modelo clássico do casal com os filhos. Ainda encontramos famílias relativamente numerosas, já que muitos filhos oferecem muita mão de obra, e garantem também o sustento e o apoio aos pais na velhice.

Do outro lado, por causa da estrutura social, com a previdência social extremamente precária, o êxodo rural que acaba expulsando muitas famílias do campo, o sistema latifundiário com seus diaristas, bóia-frias, meeiros, colonos, etc., constatamos que a dignidade humana nem sempre é respeitada. De fato, muitas dessas famílias vivem com dificuldade, até mesmo na pobreza e na miséria, sem saneamento básico, atendimento médico, educação escolar para os filhos, moradia digna, um mínimo de conforto, e sem terra para dela tirar o seu sustento.

Em muitas cidades do interior encontramos a famosa "zona de prostituição", onde moças vendem o seu corpo, não porque querem, mas como único recurso para ajudar no sustento das famílias.

A relação familiar dignifica o homem e a mulher, o jovem e a criança. Pois a família é o lugar da solidariedade, da colaboração, da união, da fraternidade e do amor. Estes laços de amor e fraternidade têm o seu reflexo na comunidade.

As Escolas Famílias Agrícolas estão ligadas a entidades, sejam elas eclesiais de diversas denominações religiosas, sejam elas associações de produtores rurais, ou outras. Todo tipo de organização popular, eclesial ou civil, tem por objetivo estimular e promover a corresponsabilidade, a solidariedade e a colaboração para que as pessoas possam viver uma vida digna de seres humanos e de filhos de Deus. É esta a proposta de Deus, descrita em Is. 65,17-25:

"Vejam! Eu vou criar um novo céu e uma nova terra. As coisas antigas nunca mais serão lembradas, nunca mais voltarão ao pensamento. Por isso fiquem para sempre alegres e contentes, por causa do que vou criar. Farei de Jerusalém uma alegria, e de seu povo um regozijo. Exultarei com Jerusalém e me alegrarei com o meu povo. E nela nunca mais se ouvirá choro ou clamor. Aí não haverá mais crianças que vivam alguns dias apenas, nem velhos que não cheguem a completar seus dias, pois será ainda jovem quem morrer com cem anos, e quem não chegar a cem anos será tido por amaldiçoado. Construirão casas e nelas habitarão, plantarão vinhas e comerão seus frutos, Ninguém construirá para outro morar, ninguém plantará para outro comer, porque a vida de meu povo será longa como das árvores, meus escolhidos poderão gastar o que suas mãos fabricarem. Ninguém trabalhará inutilmente, ninguém gerará filhos para morrerem antes do tempo, porque todos serão a descendência dos abençoados de Javé, juntamente com seus filhos. Antes que me invoquem eu responderei; quando começarem a falar, eu já estarei atendendo. O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão comerá capim junto com o boi, mas o alimento da cobra é o pó da terra. Em todo o meu monte santo ninguém causará danos ou estragos, diz Javé."

Um novo céu e uma nova terra: um mundo de paz, harmonia e alegria. No conjunto, este trecho mostra os aspectos desse mundo novo que, para nós, é um estímulo a lutar: até que o projeto dos homens coincida com o projeto de Deus, ou seja, até eliminar a morte prematura e fazer com que a vida possa ser vivida em plenitude; até extinguir a exploração do produto e da força do trabalho, de modo que todos possam usufruir plenamente os frutos do seu próprio trabalho; até acabar com a guerra entre as nações e as diversões dentro do próprio país.

Outro valor presente nas Escolas Famílias Agrícolas é o trabalho. Disse d. Luciano Mendes na sua saudação aos participantes do Seminário Latino-americano das EFAs no dia 1º de outubro de 1991: *"Na visão das Doutrina Social da Igreja, que o Papa João Paulo II vem, com tanto zelo, difundindo, o trabalho é expressão da dignidade da pessoa humana. Pelo trabalho somos chamados a cooperar na obra criadora de Deus. Trata-se aqui do trabalho rural, do homem e mulher do campo. A atividade das Escolas Famílias Agrícolas destina-se a garantir a dignidade do trabalho rural e a preparar o jovem a fim de assumir esse trabalho, com capacitação e empenho. Valorizar o trabalho do homem no campo, é uma urgência em nossos países da*

América Latina, pois, nos últimos decênios, houve em vários países, e no Brasil também, descasos das atividades e abandono por parte de grande número de famílias que deixam o campo, em busca das cidades”.

Na realidade, o trabalho do homem e da mulher nem sempre é reconhecido e valorizado. É um trabalho árduo, penoso: preparar a lavoura, plantar e semear, cuidar da plantação, roçar e capinar, tratar das criações, colher os frutos. Mas na hora da comercialização, o produto muitas vezes não tem preço. Por falta de organização, o produtor fica a mercê dos atravessadores que o exploram. Por falta de conhecimento de técnicas apropriadas, às vezes o resultado não satisfaz. A própria natureza nem sempre ajuda: uma chuva de granizo ou um temporal pode causar sérios estragos no bananal, no sul a geada pode comprometer a colheita do café.

Há os contratempos, como conta aquela mulher que tinha saído do Estado do Espírito Santo, emigrando para Rondônia, e depois de dois anos voltou: “Tentamos, mas não deu certo. A terra estava ruim, a criação pegou doença. Não conseguimos nada. Vendemos tudo o que tínhamos para pagar passagem de volta no ônibus. Só temos a roupa do corpo e o violão do menino. Conseguimos comprar um barraco aqui na periferia. Mas não temos móveis, nem panelas, nem roupa. Mas, se Deus quiser, os meninos vão conseguir um emprego por aí.” A comunidade ajudou, os meninos estão empregados na construção civil. E, aos poucos, a família vai se reconstruindo, na periferia da cidade grande.

II – A COMUNIDADE.

O Antigo Testamento nos conta como o povo hebreu era dominado e massacrado no Egito. Mas Deus ouviu o seu clamor (Êx. 3,7-8). E fez uma proposta de libertação. Para conquistar a Terra Prometida “onde correm leite e mel”, o povo devia aprender, durante muitos anos, a viver em comunidade. Não foi nada fácil. Mas conseguiu. Foi preciso desmascarar a ideologia do sistema opressor, foi preciso organiza-se, vencer os egoísmos, encontrar pontos comuns de convivência, criar e manter viva uma espiritualidade da esperança.

Na comunidade rural o homem vive uma relação muito profunda e direta com a natureza. Nesta relação ele observa que o seu meio natural é a sua fonte de vida. Por isso, o estudo através dos exemplos que o mesmo manifesta, O que vale, são os fatos concretos, reais, onde o que é é e o que não é não é. Não existe um pensamento, uma filosofia mais profunda desse homem sobre seu meio.

Quase tudo é objetivo, direto, sem questionamentos profundos, e tudo ocorre e é observado de maneira lenta e calma, como as ações da natureza, ou seja, a psicologia rural é como a natureza: paciente.

Estes aspectos de relação com o meio são transferidos para a relação com as pessoas. Se a natureza é de todos, as vidas humanas estão relacionadas indiretamente pelo meio de sobrevivência. Se todos vivem da terra, todos têm algo em comum e por isso são receptivos. Porém, observa-se que há uma exigência quanto ao respeito a essa recepção. Apreciam-se as visitas longas e não as apresentadas, pois o relacionamento, assim, é mais profundo, a amizade se fortalece, ocorre a troca de idéias, pensamentos, onde se trabalha o que é natural nos ser humano, que é a

necessidade de ter contato e comunicação com as pessoas. Esse contato é que o faz participante das comunidade, onde ele se observa integrante da mesma, parte dela, pois as distâncias entre as residências faz do dia a dia do homem uma concentração do seu viver no trabalho, na família, na suas relação com a natureza, no silêncio. É por essas razões que esse contato se faz tão necessário, importante para a vida do homem. A terra, a natureza, a família, o trabalho são a vida do homem rural; a comunidade é a sua existência no mundo e na sociedade. Sua preservação no meio, nas relações dos pares e formação de novas famílias, sua fortificação na fé.

A vida na comunidade cristã tem como exigência básica o abandono da pretensão de ser o maior ou o mais importante, para colocar-se com simplicidade a serviço dos outros. Todos precisam de cada um, e cada um precisa de todos. A graça que Deus concede a cada um é o próprio modo de ser de cada pessoa. E esse modo de ser, que é iluminado pela fé, se coloca à disposição das necessidades dos outros, a fim de que todos possam crescer, mediante a contribuição de cada um. (Cfr Rom 12,3-8).

III – O JOVEM DO MEIO RURAL.

A origem das Escola Família Agrícola – na França, antes da Segunda Guerra – deu-se quando um pároco do campo percebeu e ficou preocupado com a situação dos seus jovens paroquianos. Tinha que fazer alguma coisa. E fez.

No Brasil também – mais especificamente no Estado do Espírito Santo – um jovem estudante jesuíta – nem era padre ainda – percebeu e ficou preocupado ao ver a situação dos jovens no campo. Eram jovens sem perspectivas de futuro, sem recursos, incapazes de se realizarem, sentindo-se inferiores aos outros. Jovens sonham, fazem planos, querem construir a vida, uma família. Os que tinham mais possibilidades saíam para a cidade para estudar contabilidade ou magistério, e não voltavam mais para a roça. Outros, com um projeto de independência da família, saíam para a cidade maior para empregar-se como mão de obra barata, sujeitando-se à exploração capitalista. Os que ficaram eram desanimados, sem entusiasmo para viver, sem iniciativas. Aliás, o sistema familiar patriarcal, muito presente no meio rural, não deixava os jovens tomar iniciativa. O pai é que decide tudo. Diante dessa situação, o jovem jesuíta tinha que fazer alguma coisa. E fez. Chamou alguns amigos da Itália, e concluíram que era preciso investir na educação.

IV - A ESTRUTURA AGRÁRIA.

Além disso, os meios de comunicação de massa foram entrando no meio rural, trazendo novos valores, uma nova mentalidade, mostrando a cidade com o seu conforto, sua infra-estrutura, suas possibilidades de progredir. Lá tem escola, hospital, lazer, trabalho, renda boa. Enfim, uma vida melhor. O campo foi se esvaziando. Em 1920, 16% da população era urbana e 84% era rural. Em 1980, 67% era urbana e 33% rural. Em 1987, a população era de 75% para 25%. O êxodo rural tornou-se uma realidade dramática no Brasil. Diante disso fala-se em fixar o homem no campo. Ninguém tem o direito de fixar o homem em lugar algum. Qualquer indivíduo tem o direito de procurar a terra prometida e melhores condições de vida, o direito de progredir. "Fixar" o homem em algum lugar é um ato autoritário. É preciso dar estas

melhores condições de vida, criar a "terra prometida" lá onde ele mora, na sua comunidade, onde está o seu berço. É preciso motivá-lo para não emigrar. Isso supõe uma política agrária, dirigida para o pequeno proprietário.

A crescente urbanização criou uma mudança radical entre cidade e campo. As áreas rurais deixam de vender apenas o seu excedente de produção às áreas urbanas, como ocorria no passado, e passam a ter quase toda a sua produção orientada pelos interesses urbano-industriais. Grande áreas produtiva não produzem mais alimentos, como os canaviais no nordeste, que servem para a produção de álcool para abastecer os carros da cidade. Ou as plantações de eucalipto no Espírito Santo e sul das Bahia que produzem celulose... para o Japão! Aos poucos, o campo vai ser comandado pela cidade. Enquanto isso, o latifúndio vai se alastrando. Em 1985, as pequenas propriedade – até 100há. – ocupavam 21,82% da área rural, e os restantes 78,18% eram grandes propriedades. Em 1970 a proporção ainda era de 23,5% para 76,5%. Enquanto isso sabe-se que, quanto mais terra, menos lavoura. Propriedades com mais de 10.000há. têm apenas 2% da sua área ocupada com lavoura, enquanto a propriedade até 2há. tem 88,5% ocupada com lavoura.

É preciso uma reforma agrária corajosa. Os dados do IBGE de 1991 mostram que no Espírito Santo havia 26.000 famílias sem terra. Onde está a terra prometida? "Javé disse: *"Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos, Por isso, descí para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel"*. (Êx. 3,7-8)

V – A LIBERDADE.

Um dos grandes valores humanos – e evangélicos – é a liberdade, que não consiste apenas em saber o que é permitido e o que é proibido, mas em determinar o que favorece o crescimento do homem novo, ou seja, a formação no seu todo. A liberdade é a capacidade de, em qualquer circunstância, escolher o que ajuda neste crescimento.

"Posso fazer tudo o que quero. Sim, mas nem tudo me convém. Posso fazer tudo o que quero, mas não deixarei que nada me escravize"
(1 Cor 6,12)

"Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres. Portanto, fiquem firmes e não se submetam de novo ao jugo da escravidão."
(Gal 5,1)

A formação para que a liberdade é um dos grandes desafios para o jovem hoje, que está sendo agredido por uma quantidade de ofertas em termos de moral e ética, de consumo, de comportamentos e atitudes, de relacionamentos. Ele deve aprender a discernir o que convém, e adquirir a capacidade de escolher, de fazer opções. Qualquer opção que se faz na vida, necessariamente implica em renúncia.

A Escola Família Agrícola, enquanto meio educativo, tem um papel importantíssimo nesta formação:

- ▶ Ela deve trabalhar a parte humana, a sensibilidade e a afetividade do aluno;
- ▶ Deve criar espaço para que ele descubra seus valores e limitações, sua identidade;
- ▶ Deve conhecer a origem dele, sua família e história;
- ▶ Deve ajudar a tomar consciência de que as maiores correntes que nos prendeu e nos impedem de crescer estão dentro de nós mesmos;
- ▶ Deve formar a consciência crítica do aluno diante daquilo que os meios de comunicação de massa oferecem;
- ▶ Deve levar a descobrir qual a ideologia que está por trás dos programas e dos comerciais da TV;
- ▶ Deve trazer para a consciência do aluno os valores adquiridos na família e na comunidade e apontar os contravalores apresentados nos meios de comunicação de massa.

VI – A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA COMO PROPOSTA EVANGÉLICA.

Com a sua pedagogia própria (alternância, plano de estudo, caderno das realidade), com a sua ligação estreita entre escola, família e comunidade, a EFA pretende ser uma alternativa para a educação no meio rural.

Prefeituras continuam investindo na implantação do ensino de 2º grau nas localidades do interior do município, como sendo melhoria para jovem do campo, que agora tem acesso aos mesmos estudos que se faz na cidade. É o progresso que chega ao campo! Esta política encaixa-se perfeitamente na proposta governamental de expansão do latifúndio, já que os jovens que ali estudam, fatalmente tendem a abandonar o trabalho da enxada para dedicar-se ao magistério ou ocupar uma cadeira em algum escritório de contabilidade, na cidade, é claro.

Diante de tudo que já dissemos anteriormente sobre a situação do homem do campo – sobretudo do jovem – e diante da proposta de libertação que encontramos na Sagrada Escritura, podemos e devemos nos perguntar até que ponto a Escola Família Agrícola é um instrumento de libertação, até que ponto ela corresponde àquilo que pretende ser, até que ponto ela é uma resposta válida aos anseios do homem do campo.

O mundo está aí, feito de pessoas com qualidade e defeitos, com possibilidades e limitações, com a sua dignidade nem sempre respeitada, com suas tentativas e seus erros. O mundo está aí, feito de estruturas sociais e políticas, religiosas e étnicas, onde sempre mais a economia está dominando e controlando tudo. Um mundo que se torna sempre mais uma “aldeia global”, em que o neoliberalismo dá o tom. Um mundo que fracassou em muitas coisas, mas onde estão surgindo sempre mais vozes, clamado por respeito aos direitos humanos, pela paz e pela democracia, pela preservação do meio ambiente. Em meio a este turbilhão de valores e contravalores, dominadores e dominados, de buscas acertadas e falhas, de tendências religiosas e políticas, encontra-se o homem do campo, muitas vezes solitário, sem defesa, sem consciência, sem organização, mas com sua fé, suas tradições, com sua força. Com sua esposa e seus filhos. Diante de um desafio. O desafio da sobrevivência,

o desafio da opção entre continuar na roça ou ir-se embora para a cidade, o desafio da educação para os filhos.

A Escola Família Agrícola, com sua pedagogia e filosofia educacionais, com a dedicação dos seus monitores, quer ajudar. Pois este jovem aluno é um filho de Deus e um cidadão. Por isso ele tem o direito de Ter a sua dignidade respeitada, de Ter consciência da sua importância e seu papel na sociedade, de poder enfrentar conscientemente desafios pessoais e sociais, de viver convicções religiosas e de ser respeitado nas suas decisões.

A Escola Família Agrícola não nasceu de alguma ideologia política, mas sim da preocupação com o ser humano, filho de Deus, portador de potencialidades e valores que precisam ser descobertos e discutidos, É o homem e a mulher que, como no êxodo, precisa aprender a viver em comunidade, respeitando o outro e Deus, que precisa traçar o seu próprio destino, construir a sua própria identidade, descobrir o que tem de bom nele e corrigir os erros.

A Escola Família Agrícola é como aquele semeador do evangelho de Marcos 4, 1-9.14-20. É uma proposta. Nem tudo dá certo. Há sementes que não dão frutos, pois é uma proposta humana. Mas muitas sementes dão muitos frutos. Basta ver as estatísticas que mostram que na Escola Família Agrícola do Espírito Santo 80% dos alunos continuam em propriedades rurais, e muitos tornaram-se lideranças em suas comunidades.

Outros tantos ex-alunos dedicam-se ao ensino nas mesmas Escolas Famílias Agrícolas dentro do Estado ou espalhadas pelo Brasil afora.

A Escola Família Agrícola é como aquele bom pastor do evangelho de João 10,1-18. Ele abre a porta do curral da instituição que explora e domina o povo, e deixa sair as ovelhas para levá-las ao pasto bom do auto-conhecimento, do respeito e da convivência, da decisão.

Por causa da sua proposta pedagógica, a Escola Família Agrícola não atinge o adolescente e o jovem, mas também a sua família e a sua comunidade. Com a palavra Paulo Freire: *"Ninguém liberta ninguém. Ninguém se liberta sozinho. A libertação só acontece em comunidade."*

Na Escola Família Agrícola, o monitor é aquele corajoso que ajuda na libertação, é aquele Moisés que em nome de Deus e na força dele, guia os alunos através do deserto, através do treinamento para formar comunidade, rumo à Terra Prometida da liberdade, onde não há mais dominação nem exploração, à Terra das decisões conscientes, da verdade e da Vida.